

Livro de atas do II Fórum Internacional África, Cooperação, Educação e Desenvolvimento do Instituto Superior de Ciências Educativas do Douro, decorrido a 16 e 17 de junho de 2018.

Proceedings book of 1st International Forum Africa, Cooperation, Education & Development of Instituto Superior de Ciências Educativas do Douro, 16 and 17 June 2018

Ficha Técnica

Título: África, Cooperação, Educação e Desenvolvimento - livro de atas

Organizadores: Maria Lopes de Azevedo; Cristiana Madureira & Evangelina Bonifácio

ISCE Douro, Penafel

Design: Sofia Mendes, baseado na imagem original de Ivo Caravau

ISBN:978-989-20-8671-2

1ª Edição – abril 2019

Nota 1: As comunicações e os textos conexos são da inteira responsabilidade dos autores.

Note 1: The communications and the related texts are responsibility of the authors.

Nota 2: Neste livro de Atas há 3 resumos do Seminário que não foram publicados no «livro de resumos».

Note 2: In this book of Acts are 3 summaries of the Seminar that were not published in the «book of abstracts».

INDICE

| | |
|---|---------|
| Educação social e desenvolvimento por caminhos moçambicanos..... | 17-18 |
| Um olhar sobre o aproveitamento pedagógico vs qualidade de ensino | 19-33 |
| A educação para a cidadania na legislação portuguesa: evolução e tendências | 34- 47 |
| A educadora Cândida Florinda Ferreira: uma força transmontana | 48-57 |
| Contributo dos testes objectivos na construção do conhecimento | 58-73 |
| Subsídios das competências empreendedoras na educação para a cidadania na Universidade Metodista Unida de Moçambique | 74-94 |
| Evaluation of knowledge of contraceptive methods among secondary school students in Libreville | 95-96 |
| A Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Marco de Canaveses (EPAMAC) | 97-104 |
| Impact du dispositif de formation dans l’enseignement des sciences à l’école primaire: cas du portfolio chez les instituteurs de Libreville | 104-106 |
| Marcadores del discurso y conectores pragmáticos en la traducción audiovisual en el marco de la enseñanza de ELE en Gabón: casode los subtítulos en la serie “El Internado” | 107-125 |
| O papel do professor na educação para a saúde: estudo de caso da escola primária completa de Mutomote | 125-184 |
| El uso de los proverbios “Obama” como herramienta para la enseñanza/aprendizaje de la competencia sociocultural en la clase de ELE en Gabón | 185-197 |
| Análisis del proceso de adquisición del ELE en los alumnos del primer ciclo de enseñanza secundaria en Camerún. Caso del Liceo Biyem-Assi en Yaúnde | 198-211 |
| L’enseignement du conte a l’Universite Omar Bongo du Gabon : missions et objectifs | 212-222 |
| La « forestología » o la « selvología »: una ciencia a la prueba de la educación y del desarrollo duradero en África Central y en América Latina | 225-241 |
| Tricherie en milieu scolaire, pour quelles valeurs ? | 242-257 |
| Impact du dispositif de formation dans l’enseignement des sciences à l'école primaire : cas du portfolio chez les instituteurs de Libreville | 258-276 |
| Evaluation des connaissances des méthodes contraceptives chez les élèves de seconde à Libreville | 277-293 |
| Práticas pedagógicas na educação pré-escolar: promoção de aprendizagens activas e significativas na classe de iniciação | 294-308 |
| Atualidade das conceções pedagógicas de Irene Lisboa | 309-318 |
| A palavra e a imagem na construção de significado | 319-331 |
| Narrativas transmedia como práticas pedagógicas | 332-341 |
| Competências adquiridas pelos professores do ensino básico aquando da sua formação no ensino superior | 342-357 |
| Jogos educativos e aprendizagem cooperativa em contexto de prática pedagógica | 358-370 |
| Caminho sujo para um mandato verde – Notas para uma pesquisa sobre reservas de resíduos | 371-378 |
| Cidadania e participação dos alunos em contextos TEIP e Não-TEIP | 379-393 |

Carla do Espírito Santo Guerreiro - Instituto Politécnico de Bragança- Escola Superior de Educação

Resumo

Pretende refletir-se sobre a posição vanguardista de Irene Lisboa, destacada figura das Letras e da Pedagogia, no Portugal do séc XX, demonstrando a sua importância e os contributos positivos que aportou aos contextos da Educação Pré-escolar e ao 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Com base numa sustentada revisão biobibliográfica da autora, debruçar-nos-emos nas seguintes facetas pedagógicas da obra ireniana: o conceito de disciplina; a importância atribuída ao conto para a Infância; o valor dos jogos verbais e, por último, as atividades de linguagem oral e escrita, por ela preconizadas para as crianças.

Enfatizaremos o facto de o percurso profissional da escritora e pedagoga ter sido marcado por uma enorme diversidade de papéis e tarefas, revelando sempre uma conceção alargada de Educação, caracterizando-a aspetos, tais como: a autonomia pedagógica, a criatividade e a luta pela valorização da sua profissão: o “magistério primário”.

Teremos a preocupação de confrontar as posições da autora, com as orientações pedagógicas *mais atuais, para comprovar a sua visão” avant la lettre”, sobre as questões essenciais relacionadas com o processo de ensino/aprendizagem, tais como o papel do aluno, do professor e as metodologias usadas em contexto escolar.*

Palavras-chave: Irene Lisboa, inovação, autonomia pedagógica.

Irene Lisboa nasceu em Arruda dos Vinhos, no ano de 1892. Filha de uma camponesa muito jovem, cedo começou a sentir a disparidade de idade dos seus pais. Apesar da vida de luxo e atenções com que seu pai tentara prender a sua mãe, esta foge com outro homem, deixando-a aos cuidados do progenitor, que a entrega com três anos à proteção da sua velha companheira, que passa a ser madrinha da menina:

A madrinha era a companheira velha e espoliada do meu pai, velho também, e a minha mãe, a rapariga do campo enganada. Por esse tempo devia a madrinha ter uns setenta anos, o pai para cima de sessenta e a minha mãe, que bem triste destino teve, vinte e um. Eu já era a sua segunda filha. Da primeira abortou, obrigada pelo meu pai. Nasci pelos seus dezoito anos (Lisboa, 1993: 19).³⁸

É neste núcleo familiar que a —menina de velhos (Lisboa, op. cit.: 31) vai vivendo a infância, entre a casa da Baixa Pombalina de Lisboa e a quinta de Arruda, que era uma espécie de solar.

Com seis anos, Irene Lisboa vai para o Convento do Sacramento, que considera o seu primeiro e cruel exílio familiar, onde esteve quatro anos, a fim de fazer a sua instrução primária. A sua entrada aí foi marcada por um batismo tardio, com o pai a registá-la sem filiação, consagrando-lhe para sempre o estigma de —filha ilegítima:

(...) Este pai que me levou à igreja, ao fotografo e por fim ao convento, era o mesmo que me inscrevia nos registos paroquiais como filha das ervas (Idem, ibidem: 22).

O convento deixou-lhe uma lembrança penosa de um espaço de clausura e tristeza, onde não havia passeios, nem liberdades. Aí aprendeu a ler depressa, como forma de saída e regresso a casa:

No convento, onde fui internada aos seis anos, (...) não havia passeios, nem liberdades, tudo era triste (...) das irmãs a ideia que sobretudo tenho é a de calma e de tolerância apagada. Pessoalmente elas não me tornavam infeliz. O que me deprimia, suponho-o hoje, era aquela atmosfera tristonha, de sufocação, a reclusão, o afastamento do mundo (...) No convento, aprendi a ler depressa; o meu pai dizia-

³⁸ As diferenças sociais entre os latifundiários e os trabalhadores rurais, entre os patrões e empregadas, marcam a infância de Irene Lisboa. —Com as criadas, aprende as conversas das mulheres pobres que a faziam conhecer bem toda a arraia da cidade, muito diferente da do campo. Uma gente e outra formavam uma sociedade viva onde os seus sentidos se iam exercitando, aparecendo, mais tarde, retratados na literatura (Nóvoa, 2003: 774).

me que mal soubesse ler me tirava de lá; naturalmente para me conformar (Lisboa, *op. cit.*: 22 - 23

Aos dez anos, vai como aluna interna para o Colégio Inglês, onde esteve até aos treze. Comparado com o convento, o colégio é considerado mais alegre, moderno e cosmopolita. Para além do ensino que lhe proporcionou, trouxe-lhe oportunidade de convívio com raparigas da sua idade, sendo nesta fase que radica o início do prazer da escrita, partilhado com outras raparigas, já que faziam contos que vendiam umas às outras:

O colégio inglês não se parecia nada com o convento. Era muito mais alegre, mais moderno e cosmopolita. Tinha um aspecto folgado (...) Um dos prazeres das minhas companheiritas, durante umas temporadas foram as tentativas literárias. Fazíamos contos, que vendíamos umas às outras. Alguns deles eram pagos a bolos de coco. Um dos meus contos, que mais tarde vim a publicar, naturalmente já transformado, foi gerado nessa era e logo com o título das três pedrinhas encarnadas. Enchíamos cadernos com as cópias destes trabalhos (*Idem, ibidem*: 54 e 60).

Em relação ao conjunto das professoras, Irene transmite uma imagem positiva, agradável, diferente das mulheres que até então conhecera. Este aspeto é revelador da importância que elas tiveram na sua formação

A directora era uma francesa alta, robusta, trigueira e feia, mas pessoa agradável (...) A vida no colégio seguia bem a linha do seu temperamento, lá nada era mesquinho. Comia-se bem, tinha-se bons professores, os mais em voga no tempo, os castigos não desgostavam a ninguém e os modos das raparigas eram livres (Lisboa, 1999: 56-57).

A adolescência mudou bastante o cenário familiar de Irene Lisboa. Na propriedade da madrinha, a nova amante do pai, a que ela apelida de —velha maldita (Lisboa, 1994: 24) vai tratá-la como uma intrusa, fazendo-a —crescer precocemente. Uma adolescente indefesa, mas orgulhosa, sentia-se profundamente magoada pelas ofensas desta mulher que permitia, inclusive, que as criadas a achincalhassem. Chamavam-lhe *filha do José da Agrela* (Filha ilegítima), espalhando-se, entre a gente do povo, que o pai a desprezava e que, agora que

era pai de um filho homem, não fosse capaz de erguer a voz para a proteger. Para culminar a já péssima situação, o próprio pai expulsou a filha de casa, deserdando-a. A partir daí, Irene não voltaria mais a ver o pai:

Dois anos bem infelizes passei nesta situação. Foram dois anos em que troquei a pele de criança pela de mulher, mas sem as demoras e as curiosidades graciosas e veladas das raparigas das outras famílias. Vivi muito rebaixada e desorientada, sem o amor de ninguém (Lisboa, 1993: 80).

Com quinze anos, passou a viver em Lisboa com a madrinha, experimentando um sentimento de liberdade e felicidade. No liceu, conheceu novas colegas, entre as quais Ilda Moreira, que viria a ser a sua melhor amiga e companheira de ideais até à morte. Passou a ser valorizada socialmente, graças às suas capacidades intelectuais, que faziam dela presença constante no Quadro de Honra, e chegou a ser eleita como Chefe de Turma. É então que começou a desejar a independência. Ao verificar que o pai e a sua atual companheira estavam a delapidar a fortuna da madrinha, dirigiu-se ao procurador do pai e propôs-lhe tomar a direção da casa. Como resposta, a mulher pôs a casa a saque e, com a conivência paterna “raptou” a madrinha.

Deserdada e só, Irene não se rendeu: procurou trabalho em casas particulares como governanta, até que decidiu ir viver com o padrinho, em Belas para poder continuar os seus estudos.

Se nos colocarmos numa perspetiva diacrónica, notaremos, na vida profissional de Irene Lisboa, uma influência muito forte das experiências tidas durante a Infância e a Juventude que se projetarão na sua ação educativa. De algum modo, ela compensa e repara o seu passado ao proporcionar às crianças o que não teve da parte dos adultos que viveram com ela:

A forma e a fragilidade dos vínculos afectivos, agravados por separações penosas, repercutem-se na sua concepção educativa. As primeiras experiências sociais fora da família, onde se sentiu abandonada e entregue a si própria, levam-na a dedicar uma atenção muito especial aos problemas da relação pedagógica e vão influenciar

a importância que dedica ao sentir infantil e à tomada de decisão de defender a infância num período vulnerável (Nóvoa, 2003: 775).

Com 18 anos, conjuntamente com Ilda Moreira, Irene Lisboa optou pelo Magistério Primário, não sendo conhecidas outras razões que não o facto de ter mais rapidamente acesso à independência do padrinho, com quem vivia. Outra das razões, que seria mais tarde adiantada pela autora, era a de procurar, nos estudos e nas atividades intelectuais, o refúgio para um estado de carência fruto de uma infância e de uma adolescência, excepcionalmente perturbadas. Os estudos na Escola Normal Primária decorrerão entre 1911 e 1914.

O tempo de formação inicial foi, sobretudo, importante como lugar de socialização, constituindo, simultaneamente, um impulso na sua autoformação. Um dos centros de interesse para si mais motivadores é a literatura e a escrita, estando ligada à fundação do primeiro jornal das normalistas: *Educação Feminina*, que se apresentava como uma publicação quinzenal literária, científica e artística. Irene Lisboa e Ilda Moreira investem na autoformação, através de leituras especializadas em Educação e Pedagogia. Conjuntamente, organizam uma biblioteca pessoal, adquirindo livros atualizados de que tinham informação. Após a conclusão do seu curso, com dezoito valores, Irene foi nomeada professora efetiva na Escola do Beato, onde quer a freguesia, quer a escola eram pobres. Entrou, então, numa fase da sua carreira centrada nos problemas socioeducativos, em que mudou a compreensão da função do Professor, através da reflexão sobre o seu próprio modo de Educar, tendo em vista as necessidades das crianças:

Quando entrei para as escolas não sabia como ensinar. (...) A mestra nova que tem o luxo de aborrecer a rotina julga que dá grandes saltos a cada momento: aboliu as cópias, proibiu as delações, castiga pouco e aconselha, estabelece as composições escritas e orais, os cálculos e os problemas dos alunos, etc. E se vê a classe animada, palpável nos seus esforços, contenta-se. A minha simplicidade trazia-me satisfeita às vezes. (...) (Lisboa e Moreira, 1926: 406).

Com base na legislação de 1911, no quadro da Reforma de Ensino de António José de Almeida, abriram-se duas escolas infantis, em Lisboa, na Zona da Tapada, num edifício novo, da autoria de Raúl Lino. Devido à falta de educadores especializados para esta área educativa, os professores foram escolhidos por convite, uma vez que a docência exigia a

preparação e apresentação de um programa. Irene Lisboa e Ilda Moreira prepararam-se para o cargo, durante as férias de Verão, fazendo leituras de Maria Montessori, Felix Klein e Ovide Decroly. Ambas elaboraram o esboço de um programa para este — “Primeiro Ensino”, constituído por exercícios de linguagem (rimas, trava-línguas e histórias), canto, desenho, trabalhos manuais, iniciação à leitura, escrita e cálculo, jogos infantis e, até, ginástica rítmica. As escolas de educação infantil funcionaram somente até 1936³⁹, altura em que foram extintas por ordem do *Estado Novo*, perdendo o Ensino Infantil a possibilidade de se oficializar e institucionalizar.

Durante o período que decorreu entre 1920 e 1938, Irene Lisboa seguiu as principais diretrizes da *Escola Nova: centros de interesse* (de base decroliana), o *método de observação* (inspirado na escola montessoriana) e o *trabalho de grupo* e a *disciplina livre*, sempre presente nos três aspetos anteriores. Ao mesmo tempo que decorria a experiência nas classes infantis, Irene Lisboa ia dando conta dos resultados do ensaio em artigos publicados na *Revista Escolar*, com início em janeiro de 1926, e em relatórios às autoridades. Iniciou a colaboração com a revista *Escola Primária*, em 1928, escrevendo textos literários e críticos sobre o apoio prestado às crianças portuguesas (ou melhor, a falta dele), acerca da necessidade de leitura e investigação permanente do professor e sobre a qualidade (ou falta dela) dos livros escolares.

O ano de 1929 marca o início da experiência europeia de Irene Lisboa. Através do reconhecimento do seu trabalho de educadora de Infância obtém em 1929, uma bolsa da *Junta Nacional de Educação* para frequentar o *Curso de Pedagogia do Instituto Jean Jacques Rousseau*, em Genebra. O confronto com o saber dos pedagogos europeus produziu-lhe uma sensação de nada saber, um sentimento de inadaptação. É dessa situação vivida com alguma dificuldade que dá conta nas cartas que escreve aos amigos, especialmente a Ilda Moreira:

(...) Encandeada pelo alto nível de cultura dos mestres de l’Institut- ela que se considerava simples autodidacta do ensino duvidou das suas possibilidades e ascensão. Sentiu-se sem pé, desnorteada e vencida pelo que lhe pareceu uma avalanche de toda a sabedoria. Desse estado deprimido e ansioso, deu mostras nas aflitivas cartas que recebi na época. Depois, é claro, venceu-se (Moreira, 1992: 27-28).

³⁹ Exceto o caso da Escola Infantil de Bragança, extinta em 1934.

A realização do estágio na *Maison des Petits*, agregada ao *Institut des Sciences de l'Education* e a conclusão do curso de Pedagogia, em março de 1931, foram a demonstração acabada de que a fase tumultuosa de adaptação tinha terminado. Irene Lisboa parte no ano de 1931 para a Bélgica e França (viagem custeada por si própria), onde observa experiências cruciais para a compreensão de modelos e processos pedagógicos da *Educação Nova*, que lhe trazem um reconhecimento da sua prática:

Em 1929, escreveu *O Livro da 2ª para eu ler*, com ilustrações de Ilda Moreira e nesse mesmo ano iniciou a sua colaboração na *Seara Nova*, com textos de divulgação da *Escola Nova*.

Manifesta-se uma maior sistematização do trabalho, no conhecimento dos princípios teóricos que influenciaram o seu projecto educativo. O relatório que então elaborou enquanto bolseira (1933), *As Modernas Tendências da Educação* (1942) e *A Psicologia do desenho Infantil* (1942) são obras elucidativas da sua perspectiva de educação da infância e da sua capacidade crítica sobre os problemas da educação (Nóvoa, *op. cit.*: 780)

De regresso a Portugal, Irene Lisboa foi nomeada inspetora-orientadora do Ensino Primário e Infantil, a 26/5/1933. A partir desta data, efetuou reuniões de trabalho frequentes com as professoras das classes infantis, visitou as escolas, proferiu conferências e editou vários trabalhos. Tomando literalmente a designação do cargo em que fora investida, Irene Lisboa orientou as professoras de várias secções que tinham sido criadas em Lisboa, visitando as aulas a que propositadamente e longamente assistia, ou reunindo-as para palestras suas ou de colegas que comunicavam os resultados das suas atuações. Foi uma época de trabalho intensivo de colaboração e de muito e útil desenvolvimento para a prática do ensino infantil (Moreira, *op. cit.*: 28).

Toda a sua produção escrita é significativa para apoio à formação das professoras que exerciam atividade nas “classes infantis”. Nos anos 1935-1936, o seu pensamento é divulgado na revista: *A Escola Portuguesa*, publicando sob o pseudónimo: Manuel Soares. É também com este pseudónimo que assina várias conferências de grande valor pedagógico. Entre elas destacam-se: *O Primeiro Ensino, Froebel e Montessori, O Trabalho Manual na*

Escola e A Iniciação do Cálculo. Mais tarde, e já com o seu nome, editou *A Psicologia do Desenho Infantil e Educação*.⁴⁰

Enquanto desempenhava as funções de inspetora-orientadora, lecionava também a disciplina de Pedagogia do Ensino Infantil, na Escola Normal Primária de Lisboa, que incluía a orientação das estagiárias do Ensino Infantil.

As secções infantis, como vimos, foram extintas em julho de 1938 por decreto do *Estado Novo*. Antes, porém, já Irene Lisboa tinha sido afastada das suas funções de inspetora-orientadora e agregada aos funcionários da *Junta Nacional de Educação*. Depois destas funções no Ministério, que certamente lhe desagradariam muito, dado o seu carácter, desde sempre vocacionado para a prática pedagógica, foi-lhe proposta uma opção: ou um lugar de professora na Escola Normal de Braga ou a reforma. Escolheu a segunda, o que não nos espanta, pois esta cidade seria para ela um meio afastado, desconhecido e restrito. — Nas circunstâncias em que ela para lá iria, era o sítio de um degredo imposto (Moreira, *op. cit.*: 29).

Ao ser afastada do Ensino, fica privada de uma parte da sua realização como pessoa. É então que encontra uma forma de ser fiel à sua identidade: escreve, fala, divulga o seu projeto pedagógico e educativo. Nesta altura, dedica-se também à escrita de cariz intimista e biográfico, com as obras: *Solidão* (1939) e *Começa uma vida* (1940).

Mesmo à medida que o regime acentuava a sua política ditatorial, Irene agudizava as críticas à Escola e à Administração pública, sob o pseudónimo de Manuel Soares ou Suarez, mais tarde, utiliza também os pseudónimos de Airina e Carlos Taveira, na revista, *Os Nossos Filhos* (dedicada à educação informal dos pais). Recebe convites para falar publicamente (em associações culturais, operárias, literárias, etc.) sobretudo sobre a vida da Criança na Escola. Torna-se, progressivamente, mais incisiva, não só na crítica que faz à Instituição escolar, mas sobretudo ao poder político:

Irene Lisboa é uma defensora da liberdade; nunca pertenceu a nenhum partido político, mas as suas amizades, tais como o maestro Lopes Graça ou o escritor

⁴⁰ Sublinhamos que Irene Lisboa realizou conferências que eram verdadeiras ações de formação, por todo o país, como: Porto, Espinho, Póvoa de Varzim, Almada, Alcobaça ou Marinha Grande, tendo, algumas delas, chegado a ser proibidas. Notou-se sempre por parte do poder instituído um olhar desconfiado sobre a pedagoga e escritora, até no final da sua carreira. — Gomes Ferreira, num artigo sobre Irene Lisboa publicado em *O Jornal*, lembra-se de ver, com espanto, colado na Avenida da República, um jornaleco, inspirado pela polícia política, onde lhe chamavam: Irene Moscovo. (Nóvoa, *op. cit.*: 781).

Gomes Ferreira, bem como as posições que toma como educadora e escritora tornam-na figura não-grata ao regime vigente (Nóvoa, *op. cit.*: 781).

A partir de 1940, Irene Lisboa dedica-se intensamente à escrita, continuando a afirmar-se como mulher que teima em construir uma vida onde se destaca a dimensão profissional. Publica as suas obras com o pseudónimo de José Falco e escreve artigos de crítica social com o pseudónimo de Maria Moira. Só a partir de 1954, assinará todas as obras com o seu nome verdadeiro.

O percurso profissional da escritora e pedagoga foi marcado pela diversidade de papéis e tarefas. Revelando sempre uma conceção alargada de Educação, caracterizam-na aspetos como: autonomia pedagógica, criatividade e a luta pela valorização da sua profissão. Foi distinguida como conferencista, recebeu convites de várias entidades e editou publicações sobre pedagogia. No entanto, paradoxalmente, foi marginalizada e depois excluída do Ensino e o mesmo se passou em relação à sua literatura. Foi reconhecida e valorizada, como escritora, pela crítica e pelas principais figuras das Letras nacionais, mas o insucesso de vendas dos seus livros revela a falta de leitores para as suas obras.

Morreu a 25/11/1958 e em 1969, foi publicada a notícia da atribuição do seu nome a uma rua de Lisboa. Seria preciso, porém, esperar pela Democracia para que lhe fossem prestadas homenagens públicas. Na Assembleia da República, em 1987, foi feito um voto de congratulação no 60.º Aniversário do seu primeiro livro e, nesse ano, um grupo de professores criou o *Instituto Irene Lisboa*, destinado à formação e à divulgação pedagógicas. Em 1989, foi-lhe concedido, a título póstumo, o grau de *Comendador da Ordem da Liberdade* e, em 1992 e foram organizadas as comemorações do centenário do seu nascimento, nomeadamente com uma exposição na Biblioteca Nacional. Em jeito de conclusão, sobre o percurso biográfico de Irene Lisboa, citaremos Vergílio Ferreira:

O que de Irene Lisboa nos ficou foi toda a sua obra, como lição de reconquista do que o hábito se esqueceu, lição de generosidade, de reinvenção do mistério, de revalorização do que foi desvalorizado, do reconhecimento de que uma mão cheia de nada só o é de coisa nenhuma quando o nada está em nós (Ferreira cit. por Nóvoa: 783).

Referências Bibliográficas:

LISBOA, Irene (1993). *Obras de Irene Lisboa - Volume III - Começa Uma Vida* (Org. e pref. de Paula Morão). Lisboa: Editorial Presença.

LISBOA, Irene (1999) *Obras de Irene Lisboa - Volume X - Solidão II* (Org. e pref. de Paula Morão). Lisboa: Editorial Presença.

LISBOA, Irene e MOREIRA, Ilda (1926) “Vida Escolar das Crianças de cinco anos e meio a sete” in *Revista Escolar*, nº4: 10-15.

MOREIRA, Ilda (1992) “Sobre Irene Lisboa, professora- palestra proferida em 1975” in *Irene Lisboa: 1892-1958*, Catálogo 40. Lisboa: Biblioteca Nacional: 15-20.

NÓVOA, António. (Dir.) (2003) *Dicionário de Educadores Portugueses*. Porto: Edições ASA.